

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – UZIEL, Anna Paula; BERZINS, Felix Augusto Jacobson. Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 105 – 115, 2012.

2) Resumo e Palavras-Chave – A relação entre autonomia, adolescência e direitos sexuais levanta questões importantes para o cotidiano de instituições de acolhimento institucional. Adolescentes abrigadas que possuem vida sexual ativa nos interpelam sobre nossos valores morais no campo da sexualidade. Este artigo discute perspectivas de sexualidade e de exercício dos direitos sexuais entre meninas adolescentes em situação de acolhimento institucional a partir da noção de autonomia, desenvolvida nas instituições do Estado como estratégia de proteção.

Palavras-Chave: adolescência; autonomia; direitos sexuais.

3) Objetivo do estudo – Este artigo discute perspectivas de sexualidade e de exercício dos direitos sexuais entre meninas adolescentes em situação de acolhimento institucional a partir da noção de autonomia, desenvolvida nas instituições do Estado como estratégia de proteção.

4) Tipo de pesquisa – Pesquisa qualitativa.

5) Período da pesquisa – Entre 2007 e 2008.

6) Forma de coleta de dados – Durante cinco anos desenvolvemos nosso trabalho em um estabelecimento de acolhimento institucional. Neste período, foram realizadas 11 entrevistas com adolescentes mães sobre suas trajetórias em relação a trabalho, sexualidade e parentalidade, bem como um grupo reflexivo semanal durante dois anos com essas meninas, cujas principais temáticas eram sexualidade e autonomia. Este artigo procura refletir sobre direitos sexuais, adolescência e autonomia, baseado nesse trabalho desenvolvido, utilizando relatos de diários de campo e anotações dos grupos, bem como informações advindas das entrevistas individuais realizadas com as meninas, ainda que estas não apareçam diretamente no artigo.

7) Forma de análise dos dados produzidos/referencial teórico – Não identificado.

8) Resultados / dados produzidos – O artigo faz reflexões sobre autonomia, sexualidade e direitos sexuais. Apesar de a geração de autonomia (nível molar) ser eixo central na política dos abrigos de adolescentes, no cotidiano há muitas práticas que tensionam este propósito. Essa tensão já é de difícil administração no cotidiano do abrigo. É forte o discurso sobre a necessidade de se individualizar o acolhimento, e talvez exatamente neste ponto esteja o engano. Individualizar está marcado pelo entendimento de que é preciso garantir os mesmos direitos para não gerar briga e injustiça. Assim, ao mesmo tempo que se pretende olhar para cada menino e menina, não se aposta na construção de planos e projetos que respondam às diversas formas de ser e estar no mundo. Aparentemente contraditório, o projeto de planos individuais acaba gerando um olhar massificado. A aposta parece ser na individualização, não na singularização. O início da vida sexual na nossa sociedade ocorre cada vez mais cedo, como afirmarmos anteriormente. As adolescentes muitas vezes já chegam grávidas à rede de acolhimento, muitas com doenças venéreas de difícil tratamento. Enfrentam muitas dificuldades na busca por assistência e em geral são mais uma vez negligenciadas quando chegam sem nenhum respaldo de família ou de outras instituições do Estado à procura de cuidados médicos ou de acompanhamento para a gravidez. Acredita-se que essa maternidade deva dar o norte da vida das meninas. Significa dizer que os educadores se responsabilizam pelos cuidados dos filhos, por exemplo, quando as meninas precisam sair para a escola, trabalho ou estágio. Saídas para diversão, sobretudo que possam incluir namoro e sexo, são entendidas como dispensáveis e sem sentido por parte de educadores e às vezes por membros das equipes técnicas.

9) Recomendações – Enquanto isso, as meninas estão nos abrigos e as medidas de proteção que podemos implementar exigem de nós que pautemos discussões sobre sexualidade incorporando as situações que elas vivem no mundo real. O exercício da sexualidade é múltiplo e restringir sua amplitude na discussão quando se trata de adolescentes abrigadas pode significar desproteção. Propomos reflexões orientados por uma fala de Deleuze (2002) que diz que basta não conhecer para moralizar. Faz-se necessário um mergulho no universo de sentidos que as adolescentes dão para suas práticas.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.